

# Sarney ameaça collorir

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

29 JUN 1984

Entre políticos mais chegados ao Governo no Congresso cresce a desconfiança de que o presidente Sarney e seu grupo mais íntimo comecem a "collorir", isto é, a aderir, embora discretamente e por baixo o pano, à candidatura Collor de Mello. O que fez despertar as suspeitas foi a recente decisão do presidente Sarney de comparecer à inauguração de um hospital na Bahia, na Companhia Hidrelétrica do Francisco, que recebeu a denominação do falecido senador Arnon de Mello, pai do ex-governador Fernando Collor de Mello. Julga-se que a homenagem poderia ser merecida. No entanto, observa-se que sendo um político experimentado e vivido como é, Sarney jamais concordaria em inaugurar nesta hora um hospital com o nome de Arnon de Mello, se não estivesse simpático à candidatura de Collor de Mello, uma vez que é impossível dissociar um ato dessa natureza do seu significado político.

A isso se somariam outros dados que ajudariam a compreender melhor o xadrez da sucessão presidencial a partir do Palácio do Pla-

nalto: o deputado maranhense Albérico Filho, sobrinho do presidente Sarney, segundo depoimentos colhidos no Congresso, teria sido visto, em Brasília, saindo de um encontro sigiloso com o candidato Collor de Mello. Os que tentam decifrar esse complicado quebra-cabeças recordam que agora se encaixa com perfeição a recente declaração feita pelo ministro Abreu Sodré, a qual no primeiro momento foi recebida com estupefação, de apoio à candidatura do ex-governador de Alagoas. A surpresa no meio político era decorrente da circunstância de que Abreu Sodré, dentre os ministros de Sarney, é o mais ligado a ele diretamente. Mas os indícios não param aí: é impossível desconhecer a esta altura que o ministro Antônio Carlos Magalhães e todos os que o acompanham politicamente estão prontos para, na ocasião adequada, engajar-se na candidatura de Collor de Mello.

E em face desse quadro que cresce no PMDB e no PFL o sentimento de que se deve implantar de imediato o parlamentarismo. O pretexto é o de que a crise econômica, a hiperinflação não admitiriam

mais protelações a respeito. No entanto, embora não se possa desconhecer a gravidade da crise, os receios implícitos na candidatura de Collor dão boa motivação aos que manobram para mudar o regime. Adverte-se que muito em breve as adesões no PMDB e no PFL à candidatura Collor poderão se concretizar em número significativo, inviabilizando a solução do parlamentarismo.

Os mais afoitos chegam a propor a tramitação no Congresso, a partir da próxima semana, da emenda parlamentarista. O senador Marco Maciel, que foi na Constituinte um dos baluartes do presidencialismo, está admitindo rever sua posição tradicionalmente contrária ao parlamentarismo. Mas quer o parlamentarismo aprovado depois de plebiscito. Já o deputado Virgildásio de Senna, do PSDB, diz, com boa dose de razão, que mudanças de regime só ocorrem em meio a graves crises, razão pela qual não se deve alimentar preconceito de que a aprovação agora do parlamentarismo seria golpe de Estado.